

BRICASTI DESIGN M3 E M25 UM BELO PAR PARA O TANGO



Jorge Gonçalves

O nome Bricasti seguramente irá fazer uma boa parte dos leitores da *Audio & Cinema em Casa* sentirem-se curiosos, porque não é uma marca que apareça frequentemente mencionada em revistas e publicações *online*. Eu próprio tive que pesquisar um pouco pois, embora já tivesse ouvido o nome, não tinha grandes informações sobre os seus produtos.

A génese da Bricasti assenta num conjunto de engenheiros e projectistas saídos em 2004 do, na altura, grupo Madrigal, o qual agrupava as marcas Proceed, Mark Levinson e Lexicon. Os fundadores da Bricasti foram Brian Zolner, mais ligado às vendas durante 20 anos, e o especialista em DSP Casey Dowdel. A Bricasti desenvolve todo o seu *software* de processamento de sinal, mas subcontrata externamente alguns aspectos ligados ao desenvolvimento do *hardware* a outra empresa igualmente fundada por ex-engenheiros da Madrigal Labs, o laboratório onde se desenharam muitos dos modelos das marcas atrás mencionadas. Seguindo a linha da Lexicon, a Bricasti começou por lançar equipamentos mais virados ao mercado profissional, tal como o processador estéreo de reverberação M7, usado em muitos dos grandes estúdios mundiais, tais como a Capitol Records e a Telarc, e o qual deu origem ao antecessor do conversor M3 aqui analisado, o DAC M1, este já apontando aos amantes do *high-end*.

Chegou então a hora de nas páginas desta revista se falar de dois dos mais interessantes equipamentos que actualmente se podem encontrar na já alargada linha de produtos da Bricasti, o conversor D/A M3 e o amplificador de potência estéreo M25.

Descrição técnica

Começo por salientar que a qualidade de construção da Bricasti é visível à primeira vista, com os chassis a serem construídos a partir de peças de alumínio fresadas em máquinas CNC e com gravação a laser das inscrições nos painéis frontal e traseiro. E isto é válido quer para o M3 quer para o M25.

Começando pelo M3, no painel frontal destaca-se o volumoso mostrador com indicadores alfanuméricos de matriz de pontos de cor vermelha, ladeado por um volumoso botão rotativo, o qual funciona não apenas como controlo de volume mas também como acesso a um conjunto de funções disponibilizadas através dos seis botões que o ladeiam: selecção de uma das cinco entradas disponíveis, do filtro digital (linear ou fase mínima), da intensidade luminosa do mostrador, do modo de conversão de ficheiros DSD e inversão de fase. O nível de volume pode ser variado em saltos de 1 dB entre -99 e +6 dB. Para se ligar o M3 a um prévio externo deve colocar-se o nível de volume em 0 dB.

As entradas disponíveis na traseira in-

cluem uma USB A e uma RJ45, as quais aceitam sinais PCM com resoluções até 24 bit / 384 kHz e DSD64 ou DSD128, e ainda AES/EBU, coaxial e óptica S/PDIF. As saídas analógicas estão disponíveis através de fichas RCA (*single-ended*) ou XLR (balanceadas). A conversão D/A tem lugar através de dois conversores independentes, um que se dedica aos sinais PCM e que está equipado com dois *chips* AD1955 da Analog Devices, e outro que implementa uma solução desenvolvida pela Bricasti para converter directamente sinais DSD nativos, ou seja, não convertidos para PCM. A topologia interna é do tipo totalmente balanceado, incluindo no que se refere ao circuito de controlo de volume e alimentação que está por conta de dois transformadores toroidais, um dedicado aos circuitos digitais e de controlo e outro apenas para a conversão D/A e circuitos analógicos de saída, os quais recebem as tensões provenientes de três reguladores lineares. A adição de uma placa opcional com um amplificador para auscultadores dá origem a um novo modelo, o M3H, o qual tem de ser encomendado separadamente, pois a saída desse amplificador tem lugar através do painel frontal. O controlo remoto, relativamente espartano, é igualmente opcional.

O M25 ostenta um peso imponente de 45 kg, resultante fundamentalmente dos dois imponentes transformadores de alimentação toroidais e do sólido chas-



sis de alumínio, especialmente desenhado para minimizar a microfonia – até os pés de suporte dos circuitos impressos são fresados directamente nas peças do chassis para possibilitar uma fixação sólida e segura. A topologia interna é do tipo duplo mono, ou seja, temos dois amplificadores completos idênticos aos utilizados no amplificador M28 e totalmente independentes numa mesma caixa e que têm unicamente em comum a entrada da alimentação do sector. Os circuitos de amplificação de tensão, de estrutura puramente diferencial, estão contidos num circuito impresso de grandes dimensões que vai desde a frente até à traseira e empregam fundamentalmente componentes convencionais, de que se destacam as resistências de 1% e mesmo 0,25% da Dale, e os Ampops de elevado *slew-rate* LT1097. Destacam-se igualmente os relés de contactos dourados que disponibilizam diversos níveis de atenuação do sinal de entrada, níveis esses seleccionados através de um comutador DIP situado na traseira e que pode ser accionado através de uma chave de fendas miniatura. É importante destacar que as entradas XLR e RCA têm *buffers* de entrada completamente independentes, com uma diferença de ganho de 3 dB entre cada entrada. A rectificação e filtragem estão implementadas num circuito impresso situado na parte inferior do chassis, sendo utilizada a solução de dividir a capacidade de filtragem por vários condensadores em paralelo para baixar a resistência interna. Os transístores de saída, num total de 24 por canal, estão montados directamente sobre os imponentes dissipadores colocados lateralmente e cobertos por uma chapa metálica para evitar eventuais cortes nas mãos quando se movimentam o amplificador. A potência de saída é de 150 W por canal sobre 8 Ω, valor

esse que duplica sobre uma carga de 4 Ω e passa a 600 W sobre 2 Ω. As entradas são do tipo *single-ended* e balanceado, com impedâncias, respectivamente, de 110 kΩ e 220 kΩ, e os terminais de coluna são bastante sólidos, embora estejam dispostos de um modo que exige algum cuidado quando se ligam as colunas, pois os assinalados com «-» situam-se ambos no meio, o que pode dar origem à inversão de fase de uma das colunas. A ficha DB existente destina-se apenas a ser utilizada pelos serviços técnicos da Bricasti para acções de manutenção.

Audições

A primeira audição que fiz dos Bricasti teve lugar na Exaudio e foi muito promissora, pois os sons que ouvi fizeram-me lembrar o Mark Levinson N.º 27.5, que foi o meu amplificador principal por quase 20 anos com pleno agrado. Portanto, não tive qualquer hesitação em combinar com o João Pina o transporte até minha casa deste interessante par, que entrou no meu sistema substituindo inicialmente o conjunto Inspiration da Constellation, com o M3 ligado directamente ao M25, ou seja, funcionando como DAC e prévio. Numa segunda fase liguei o M3 ao prévio da Constellation, sendo sempre as colunas as Quad ESL63. Acabei por não utilizar o Roon Nucleus Plus como fonte porque, estranhamente, ele não reconheceu o M3 como conversor externo. Como tal, optei pelo «core» Roon instalado no meu computador portátil, solução que não levantou qualquer problema pois funcionou na perfeição. Os cabos utilizados foram maioritariamente da linha Select da Kimber, tendo eu recorrido a um cabo profissional de categoria CAT7 entre o computador portátil e o *router* e a um AudioQuest Carbon entre o computador e o M3. Para poder conciliar o meu computa-

dor com o M3 tive que descarregar e instalar os *drivers* USB específicos disponíveis no *site* da Bricasti, o que correu sem qualquer tipo de problema.

Há já alguns anos que a minha experiência em termos de audições de equipamentos me conduziu à conclusão que a estrutura em monobloco não só facilita a articulação, o conúbio entre cada coluna e cada amplificador, como desenvolve um diálogo muito mais produtivo em termos de fraseologia sonora entre a coluna esquerda e a direita, desenvolvendo um palco sonoro muito rico e coerente. Daí resulta, novamente na minha opinião, que a configuração estéreo ideal implica a utilização de dois amplificadores mono, um por coluna, e situados o mais próximo possível destas. Na falta desta situação óptima, a melhor aproximação ao ideal consiste num amplificador estéreo com uma topologia interna duplo mono, como é o caso do M25. E isso foi bem patente desde os primeiros momentos de audição: para além da naturalidade, da bela gama média, excelente para reproduzir instrumentos de sopro e madeiras, da incrível extensão e pulcritude dos agudos, destacava-se um controlo completo das colunas, funcionando o amplificador quase como o par masculino no tango, o qual define os momentos principais de transição e utiliza a sua capacidade física para definir os requebros tão característicos desta dança, mas confere toda a liberdade ao seu congénere para brilhar nas graciosas evoluções através do tablado.

Antes de continuar convém destacar aqui que praticamente todas as audições tiveram lugar com o M3 ligado ao prévio Constellation Inspiration 1.0 por razões práticas, já que assim me era possível utilizar de maneira mais completa o controlo remoto e proceder a comparações imedia-





tas. A atenuação na entrada do M25 foi totalmente retirada e aconselho o eventual comprador deste amplificador a fazer algumas experiências com os diversos níveis de atenuação até encontrar o que é perfeito para o seu sistema pois, conforme digo há anos, o equilíbrio da distribuição dos níveis de ganho pelos diversos equipamentos é um factor crucial na optimização do desempenho do mesmo.

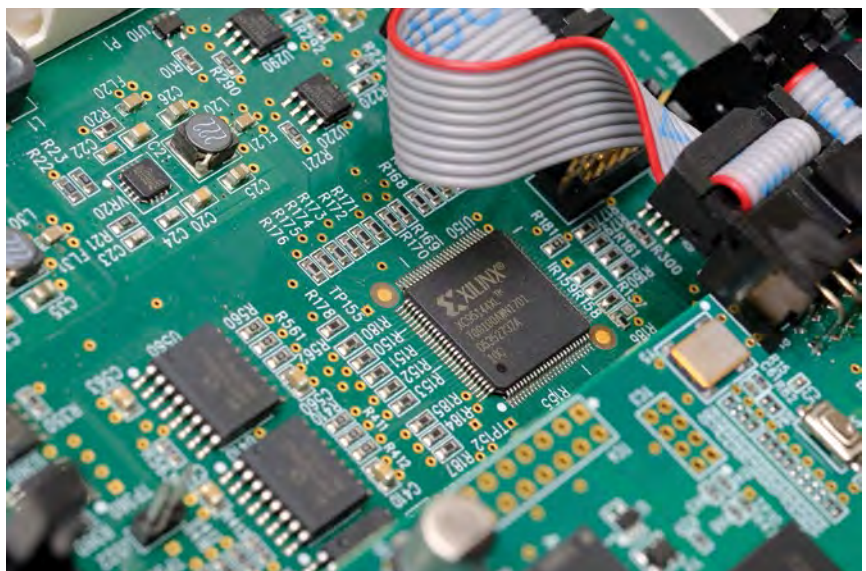
Os trios de Bach são pequenas peças, muitas delas retiradas do conjunto do *Cravo Bem Temperado*, que podem soar pura e simplesmente deliciosas no sistema certo. E isso aconteceu seguramente com o *Prelúdio N.º 19 em Lá Maior*, BWV 864. Yo-Yo Ma – 4:43 – *Wachet auf, ruft uns die Stimme*, BWV 645, incluído no disco *Bach Trios de Yo-Yo Ma* (violoncelo), Chris Tille (bandolim) e Edgar Meyer (contrabaixo) – Tidal MQA, 24 bit / 96 kHz. Foi uma maravilha acompanhar o adejar do bandolim, melodiosamente acompanhado pelo sincopar do contrabaixo e pelas oportunas entradas do violoncelo. O conjunto da Bricasti fez-me sentir uma empatia enorme com a música de Bach, manifestando de forma evidente não só a beleza da peça como o prazer que os músicos tinham a tocar, fazendo-me quase como que entrar na música e respirar com ela. Esta combinação de tristeza e ao mesmo tempo de prazer delirante de tocar é difícil de ser transmitida para o lado do ouvinte, e foi gratificante ver e ouvir que quem desenhou os Bricasti fê-lo pensando na música e nos músicos que a tocam e não no *hi-fi* das girândolas de foguetes.



Mas claro que os Bricasti também são capazes de acompanhar outros ritmos e outros níveis de energia, como aconteceu com Van Morrison, no disco *Common One*. A entrada é relativamente calma e suave, com o baixo de David Hayes e o trompete abafado de Mark Isham a circularem através da minha sala de audição e a virem até mim com grande naturalidade. Morrison vai a todas as áreas nesta obra, desde um tom mais introspectivo em *Haunts of Ancient Peace*, até ao agitado e quase sinfónico *Summertime in England*, que dura uma eternidade (15 minutos) mas que se ouve do princípio até ao fim quase sem se dar por isso. Quando Morrison avança a toda a brida ou entra na sua inimitável declamação torna-se imbatível – desde a mítica Avalon a James Joyce, a T. S. Elliot, tudo vem à colação. Pode parecer confuso ao início, dificultando a entrada no discurso, mas a clareza da apresentação do M3 e do M25 fazem com que se sinta que há um rumo bem definido e um nexo de causalidade entre as palavras e a música, e aí entramos num mundo maravilhoso de emoção. Mas neste disco também se destacam *Satisfied*, principalmente pelo trabalho de órgão, que mostrou que o controlo do M25 sobre as colunas é total, e ainda em *Spirit*, com um jogo de harmonias belíssimo entre o coro e os metais,

bem como, logo na entrada, entre a voz de Morrison e a percussão. Música bonita e belamente reproduzida.

E chega o momento de falar de *jazz*, neste caso da obra *Collaboration*, de Gil Evans e Helen Merrill. A voz de Helen é muito distinta, pois ela canta sempre a um nível muito baixo, quase como que apenas respirando. A primeira faixa do disco é *Summertime*, onde nos deliciamos com um diálogo, quase fora de tempo mesmo a chegar perto do propositadamente desafinado, entre a cantora e o saxofonista Steve Lacy, com uma sensação intensa de um espaço entre os dois e em volta deles, espaço esse que é subitamente preenchido pela totalidade da orquestra de Gil Evans, um mestre na estruturação deste tipo de agrupamentos musicais. Aliás, somos algo surpreendidos quando nesta faixa nos deparamos com um quarteto de flautas e os Bricasti mostram estar nas suas sete quintas quer com a verve dos músicos quer com a grande qualidade da gravação. A profundidade do palco sonoro apresentado pela electrónica da Bricasti é impressionante, sendo possível ouvir o baixo de Buster Williams bem lá atrás, o mesmo acontecendo, aliás, em outras faixas do disco relativamente ao clarinete-baixo. A estrutura vocal e as capacidades interpretativas de Helen, bem como as qualidades





de Evans no que se refere a arranjos musicais, são aqui colocadas em grande evidência pelas capacidades da electrónica de amplificação.

E finalizo as menções com uma das minhas peças preferidas em termos de música clássica, a *Sinfonia Fantástica*, de Berlioz, interpretada pelos London Classic Players, conduzidos por Roger Norrington. Esta é uma excelente gravação, a que tive acesso em DSD nativo e a que os Bricasti conferiram toda a cor, equilíbrio e intenção, com uma imensa segurança e uma impressão global de grande energia. Quase que nos sentimos transportados à Paris

dos anos 30 do século XIX, com uma reprodução quase mágica da passagem que ocorre por volta dos 3 minutos e 40 segundos do primeiro movimento. A cena do salão de baile é reproduzida em grande estilo e os quatro tímpanos no final da *Scène aux Champs* quase que nos dão a sensação de uma forte tempestade, algo distante mas intensa, com um sentimento final de uma ligeira, mas muito gratificante, estranheza. Na *Marcha* os sons orquestrais são quase assondantes e o *Finale* terminou numa estupenda sensação de clímax. As qualidades de reprodução sonora deste conjunto combinaram de

uma maneira perfeita com esta memorável gravação.

Conclusão

Tendo sido também analisados como uma combinação possível de DAC/prévio (para quem use apenas fontes digitais) e amplificador de potência, os Bricasti M3 e M25 demonstraram que a Madrigal perdeu muito com a saída do grupo de engenheiros que fundou esta marca. A sua sonoridade transporta até nós muitas das excelsas qualidades da electrónica que deu nome à Mark Levinson, acompanhadas por uma energia disponível para tudo o que lhe aparece e uma férrea capacidade de controlo, quer da música a ser reproduzida quer das colunas ligadas ao M25. A reprodução do palco espacial é impressionante, os timbres belos até mais não. Apenas se aconselha algum cuidado na definição dos níveis de ganho do M25 para se equilibrarem com o resto do sistema, mas isso é algo que certamente ficará por conta da Exaudio, não tendo o consumidor que se preocupar.

DAC/pré-amplificador Bricasti M3 e amplificador de potência M25

Preços:

M3: 5836 €

M25: 21.010 €

Representante: Exaudio

Telef.: 214 649 110 / 917 600 209

Web: exaudio.pt

